REFLEXOS DE UMA ESTÉTICA PENUMBRISTA E CREPUSCULAR NA POESIA MODERNISTA DE MANUEL BANDEIRA

Jorge Delmar Da Rosa Da Silva Junior (jorgedelmar@gmail.com)
Renato Nésio Suttana (renatosuttana@ufgd.edu)

Entre o final do período simbolista e o início do Modernismo no Brasil, inaugurado pela Semana de Arte Moderna de 1922, observa-se uma zona intermediária entre as escolas literárias no início do século XX. Marcado pelo ecletismo, é nesse momento que surgem as escolas neoparnasiana e neossimbolista na literatura, dando feição àquilo que alguns críticos chamam de Pré-Modernismo. Verificam-se também, nas obras de alguns autores, traços de uma estética que, no âmbito da poesia, se convencionou denominar de Penumbrismo ou (na Itália) de Crepuscularismo. Mesmo discreta, a poética desse movimento – que não chegou a constituir uma escola – deixou marcas indeléveis na literatura brasileira, aparecendo, por exemplo, na obra de poetas como Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto e Manuel Bandeira. O objetivo deste trabalho foi aprofundar estudos já feitos sobre a presença do penumbrismo na obra poética de Manuel Bandeira, não apenas na fase inicial, onde é reconhecidamente penumbrista, mas na sua produção poética subsequente, período que muitos críticos denominam como “fase madura” do poeta, abrangendo a obra do poeta em sua totalidade. O método de pesquisa utilizado fora na forma de pesquisa bibliográfica, recorreremos a um levantamento de textos que abordam questões dos movimentos denominados, Simbolismo, Modernismo, Penumbrismo e o Creposcolari, que são, estes dois últimos, o tema desta pesquisa. Recorremos igualmente a textos canônicos da historiografia e da crítica literária brasileira, bem como a estudos específicos sobre a obra de Bandeira e temas conexos ao estudo. Foi possível concluir que a poesia de Bandeira travou um longo diálogo com a tradição poética brasileira, cultivando, mesmo em sua fase modernista, os signos “noite” e “morte” como presenças importantes nos seu imaginário – temas esses de origem francamente penumbrista ou crepuscular, porém, essas características transicionais, do bardo, não permitiram que sua obra estacionasse no tempo e ficasse presa às características de apenas um período, o que identifica em Manuel Bandeira um penumbrista maior ou um modernista-penumbrista.